

A ELABORAÇÃO DO CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA A PARTIR DO ESTUDO DO CASO CLÍNICO DE DORA

*Paula Julianna Chaves Pinto
Laéria Bezerra Fontenele*

O caso Dora é, segundo Roudinesco e Plon (1998), o “primeiro grande tratamento clínico empreendido por Freud” (1998, p.50). Foi publicado em 1905, mas realizado cerca de cinco anos antes, paralelamente à publicação de seu livro *A Interpretação dos Sonhos*, de 1900.

Na introdução de seu artigo sobre o caso Dora, Freud (1905/1996) aponta que seu objetivo ao publicá-lo consistia numa tentativa de mostrar como “a interpretação dos sonhos se entrelaça na história de um tratamento e como, com sua ajuda, podem preencher-se as amnésias e elucidarem-se os sintomas.” (FREUD, 1905/1996, p.22).

Afirma ainda na introdução que este foi o primeiro tratamento clínico em que ele se utilizou do método psicanalítico assim como o conhecemos hoje, basicamente realizado com a interpretação de sonhos e com a associação livre. Declara:

...desde os *Estudos*, a técnica psicanalítica sofreu uma revolução radical. Naquela época o trabalho [de análise] partia dos sintomas e visava a esclarecê-los um após outro. Desde então, abandonei esta técnica por achá-la totalmente inadequada para lidar com a estrutura fina da neurose... Apesar dessa aparente desvantagem, a nova técnica é muito superior à antiga, e é incontestavelmente a única possível (Freud, 1905/1996, p.23)

Roudinesco e Plon (1998) mostram como as descobertas psicanalíticas vinham sendo interpretadas pela sociedade da época como “formulações pansexualistas, que objetivavam fazer com que os pacientes viessem a confessar, sob hipnose ou sugestão, “sujeiras” sexuais inventadas pelos próprios psicanalistas” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.51). Por causa disto, Freud formula logo na introdução do caso Dora, uma espécie de resposta a estas críticas, mostrando que a psicanálise não se propunha a este tipo de consideração, afirmando que “seria um sinal de singular e perversa lascívia

supor que estas conversas possam ser um bom meio para excitar ou satisfazer os apetites sexuais.” (FREUD, 1905/1996, p.21).

É assim que chegamos até Dora, uma jovem virgem da burguesia de Viena, que chega a Freud através de seu pai, que já havia sido seu paciente quando fora acometido por uma sífilis. A história peculiar de Dora remete a um “drama burguês”. No desenrolar do caso, é relatado que o pai de Dora mantinha há algum tempo um relacionamento amoroso com a esposa de seu amigo, no texto nomeado de Sr. K. Isto faz com que o Sr. K fique enciumado, mas logo depois, indiferente, e busca seduzir a filha do rival, cortejando-a durante uma temporada em sua casa de campo, à beira de um lago.

Aterrorizada pela situação, Dora o rejeita e o esbofeteia quando este tenta beijá-la. Quando sabe do ocorrido, o pai de Dora questiona o Sr. K e ele nega absolutamente os fatos. Mais preocupado em proteger seu romance extraconjugal, o pai de Dora a faz passar por mentirosa e a encaminha para um tratamento psicanalítico com Freud.

Em outubro de 1901, Dora visita Freud para dar início ao seu tratamento que só duraria onze semanas. A paciente apresentava diversos distúrbios nervosos, entre eles uma tosse convulsiva, afonia, depressão, enxaquecas e tendências suicidas. A moça era consciente dos erros e mentiras que alicerçavam sua vida familiar. Entendia que seus problemas haviam eclodido com o fato de ela ter sido considerada uma mentirosa depois de contar sobre a cena de sedução do lago. Além do mais, fora acusada pela Sra. K, a qual antes era considerada uma amiga, de ler livros pornográficos e que seriam estes livros os responsáveis por suas supostas “fantasias sexuais” em relação ao Sr. K.

Durante seu tratamento, Dora relata a Freud um sonho em que sua casa pega fogo e ela é acordada pelo pai que a veste rapidamente; sua mãe queria salvar a caixa de jóias, mas o pai a impediu afirmando não querer que os filhos sejam queimados por

causa de uma caixa de jóias; todos descem as escadas rapidamente e a moça acorda assim que se vê do lado de fora da casa.

Freud nos diz que este sonho fora uma reação à experiência de sedução vivida por Dora na casa de campo, pelo Sr. K., acentuada pelo fato de ter permanecido na mesma residência que ele por mais alguns dias, antes que ela viesse a relatar o ocorrido para a família e depois partisse. Mostra que a referência feita à caixa de jóias era uma representação do órgão genital feminino e que Dora evoca o antigo amor pelo pai para se proteger de seu amor pelo Sr. K. Relata, ainda, que Dora era dada à masturbação, trazendo questões acerca da sexualidade infantil, detalhada de forma mais precisa em seu texto chamado “Três ensaios sobre a teoria sexual infantil” de 1905.

Passadas apenas algumas semanas do relato do primeiro sonho, ocorreu-lhe um segundo sonho, com cuja resolução a análise foi interrompida. Neste, Dora relata estar passeando por uma cidade desconhecida e chega à casa onde morava, encontrando uma carta de sua mãe: a carta dizia que o pai havia morrido e, se ela quisesse, poderia voltar. A moça foi, ainda no sonho, perguntando onde ficava a estação de trem e ouvia sempre a mesma resposta: ‘cinco minutos’, depois vê um bosque a sua frente e penetra nele, fazendo a mesma pergunta a um homem que responde: ‘mais duas horas e meia’, o homem pede que ela o permita acompanhá-la. A moça recusa e segue sozinha; via a estação, mas não conseguia alcançá-la, sendo tomada por um sentimento de angústia, não lembra nada sobre a viagem, só de falar com a criada de sua casa, ainda no mesmo sonho, e esta informar que sua mãe e os outros já estavam no cemitério.

Com este sonho, Freud se deu conta de que a paciente não suportou ver seu desejo revelado pelo Sr. K, e surgiu nela uma ânsia de vingança. Houve, ainda, uma solução para sua fantasia de parto, que fora vivida como uma crise de apendicite,

justamente nove meses depois da cena de sedução no lago e o arrastar do pé sinalizava para ela um “mau passo” ali cometido.

Três sessões após a narrativa deste sonho, Freud nos diz que Dora decide abandonar o tratamento e comunica sua decisão a ele. Segundo Roudinesco e Plon (1998), isto se deve ao fato de que “Dora não conseguiu encontrar em Freud a sedução que esperava dele” (1998, p.53). É neste momento de término da análise de Dora, que Freud se dá conta da relação transferencial negativa que desperta em sua analisante:

Não consegui dominar a tempo a transferência e, graças à solicitude que Dora punha à minha disposição no tratamento uma parte do material patogênico, esqueci a precaução de estar atento aos primeiros sinais da transferência que se preparava com outra parte do mesmo material, ainda ignorada por mim (FREUD, 1905/1996, p.113).

Em seus artigos anteriores, principalmente sobre hipnose e sugestão, Freud já apontava para a necessidade de uma boa relação entre médico e paciente, mas é apenas neste momento que ele se dá conta da influência direta da relação transferencial na terapêutica de um caso.

O conceito de transferência entra conceitualmente em cena neste momento da obra freudiana. É devido a este final “desastroso” de tratamento que Freud percebe o poder da transferência na relação analítica. Ele nos mostra, com este caso, que o analista desempenha um papel no seu vínculo com o paciente e que, recusar-se a ocupar este papel, como ele fez com Dora, só irá opor mais uma resistência ao tratamento e desencadear uma transferência negativa.

É neste ponto que Freud ressalta e incorpora à sua técnica o termo ‘transferência’, afirmando que estas são “reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornarem-se conscientes, mas com a característica de substituir a pessoa anterior pela pessoa do médico.” (FREUD, 1905/1996, p. 111).

Ressalta que a transferência é uma exigência indispensável aos que penetram na teoria e na técnica psicanalítica e fica convencido de que, na prática, não existe um meio de evitá-la. Freud comenta ainda no posfácio o fato de que o “tratamento psicanalítico não é o criador da transferência, mas simplesmente aquele que a revela, como a tantas outras questões” (FREUD, 1905/1996, p.112).

O autor admite ter sido obrigado a falar de transferência porque somente através desse fator lhe foi possível “esclarecer as peculiaridades da análise de Dora e fez com que este caso se tornasse apropriado para uma primeira publicação introdutória sobre o assunto” (FREUD, 1905/1996, p.113). Assume que não conseguiu dominar a tempo a transferência, nem ter dado atenção suficiente ao surgimento dos seus primeiros sinais.

Posteriormente, observa que na narrativa do primeiro sonho, Dora já lhe acenava que iria abandonar a análise, assim como abandonara a casa do Sr. K, mas ele não percebeu nem sinalizou a transferência feita pela moça, onde esta o colocava no lugar de Sr. K. Se houvesse tomado esta atitude, Freud acredita que teria “chamado a atenção de Dora para a relação deles em análise e para o tratamento, fazendo-os terem acesso a outros materiais de interpretação” (FREUD, 1905/1996, p.113). E, assim, Dora “vinga-se” de Freud como queria ter se vingado do Sr. K, abandona a análise, como se via abandonada por ele. Observa-se que Dora atua em suas fantasias ao invés de reproduzi-las na análise.

Em uma nota de rodapé acrescentada ao posfácio, Freud (1905/1996) explica claramente o erro técnico que o conduziu ao fracasso da análise de Dora. Afirma que, quanto mais tempo passa do fim da análise, mais evidente se torna sua omissão em não ter mostrado para Dora que sua “moção amorosa homossexual pela Sra. K. era a mais forte das correntes inconscientes de sua vida anímica.” (FREUD, 1905/1996, p.114). Aqui, Freud percebe que era a Sra. K a fonte principal dos conhecimentos sexuais de

Dora. Também ela foi a pessoa que a acusara de ter interesse por estes assuntos e Dora nunca revelou que era através dela que obtinha esses conhecimentos, mesmo tendo sido traída por ela.

Concordamos com Cottet (1982) que mostra que, no Seminário I, Lacan já apontava que Freud “tentava modelar o ego de Dora e faz da transferência negativa de Dora uma réplica da contratransferência de Freud.” (COTTET, 1982, p.41). Ressalta que neste momento Freud desconhece a distinção, que só irá elaborar posteriormente, entre objeto de amor e objeto de identificação. Entra em cena a questão do preconceito de Freud, por deixar escapar o objeto de amor de Dora como sendo a Sra. K., justamente por acreditar que a “menina está feita para o rapaz”.

É sobre este preconceito que faz Freud forçar o objeto de identificação de Dora (que era o Sr. K.) sobre seu objeto de amor (Sra. K.), que Lacan afirma:

Quando os preconceitos do analista (isto é, sua contratransferência, termo cujo emprego correto, em nossa opinião, não poderia estender-se mais além das razões dialéticas do erro) o extraviaram em sua intervenção, ele paga imediatamente seu preço mediante uma transferência negativa.” (LACAN,1973 *apud* COTTET, 1982, p. 41)

E é assim que se anuncia a solicitação de Dora ao Sr. K, diante de seu próprio desejo insatisfeito, que ele como homem deseje aquela mulher que tem o valor de “um mistério, o mistério de sua própria feminilidade” (LACAN, 1951/1998, p.220). Oferece então seu objeto de amor a seu pai e o sustenta, até que o Sr. K. rompa com esta harmonia, afirmando não sentir nada por aquela mulher, provocando em Dora uma reação passional em relação a Sra. K., sentindo-se objeto de troca entre seu pai e o Sr. K, o que a leva a esbofeteá-lo.

Concluimos com um trecho final do caso onde Freud afirma:

Assim, fui surpreendido pela transferência e, por causa desse “x” que me fazia lembrar-lhe o Sr. K., ela se vingou de mim como queria vingar-se dele, e me abandonou como se acreditara enganada e abandonada por ele. Assim,

atuou uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento (FREUD, 1905/1996, p.113).

E é dando a oportunidade de ser rechaçado, contrariado, que Freud torna público seu fracasso no tratamento de Dora para poder instruir outros a observar a técnica e a precisão necessária no tratamento clínico das neuroses. Reafirmando que é o próprio malogro da análise de Dora que irá constituir sua importância na história do movimento psicanalítico com o advento da conceitualização da transferência.

BIBLIOGRAFIA:

COTTET, Serge. **Freud e o Desejo do Psicanalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

FREUD, Sigmund. Um Caso de Histeria (1905) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jaques. Intervenção sobre a transferência In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michael. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SOBRE OS AUTORES

Paula Julianna Chaves Pinto. Psicóloga. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Membro em formação básica do Corpo Freudiano de Fortaleza - Escola de Psicanálise.

Laéria Bezerra Fontenele. Psicanalista. Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFC e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC. Coordenadora do Laboratório de Psicanálise da UFC. Diretora do Corpo Freudiano de Fortaleza - Escola de Psicanálise.